

Nova revolução inglesa é exemplo para o Rio

Noéni Spinola

DISCRETAMENTE, os ingleses estão fazendo uma segunda revolução em suas ilhas: hoje, 60% ou mais do Produto Interno Bruto derivam aqui da prestação de serviços. Na própria indústria manufatureira, onde se supõe que as pessoas apenas acionam alavancas ou apertam parafusos, a mudança é sensível — a proporção dos ocupados em trabalhos administrativos, técnicos ou de apoio passou de 21 para 30% nas duas últimas décadas.

A estrutura prestadora de serviços da economia inglesa tem na City de Londres o seu mais importante centro irradiador de inspiração e iniciativas. Na City, como os londrinos se referem aos quartelões áridos de edifícios de escritórios, sedes de corporações e negócios, funcionam os mecanismos básicos das empresas de seguros e bancos (quase 10% do PIB), administração de imóveis (6,2%), serviços profissionais e científicos (13,2%) e comunicação.

A estrutura dessa microcidade dentro de uma economia que deflagrou a Revolução Industrial mudou aos poucos, acompanhando a própria história do império britânico. Na realidade, é como se o declínio dos interesses do Governo e de corporações inglesas no exterior tivessem passado ali por um processo de reassimilação e transformação, ressurgindo sobre novas formas irradiadoras de influência.

Empresários brasileiros e pessoas do Governo que passam por Londres e procuram analisar esses fenômenos, com frequência estabelecem paralelismos com o Rio de Janeiro como antigo Distrito Federal, Estado da Guanabara e, depois, Estado do Rio. Por que não seria possível desenvolver ali um processo de transformação semelhante, valorizando altamente as estruturas de serviço?

Em um gabinete no coração da City, Alan E. Moore, diretor-executivo e tesoureiro da divisão internacional do Lloyds Bank, fala do caso de Bahrain. Ali ele passou cinco anos desenvolvendo uma experiência fascinante com os árabes, enquanto estes lutavam para instalar um centro financeiro autônomo, uma espécie de base de reciclagem de petrodólares.

Disse ele, olhando de quando em vez para um videomonitor onde cada flutuação de taxas de juros, câmbio ou preços de mercadorias em qualquer parte do mundo é registrada instantaneamente: "Bahrain leva uma vantagem sobre o Rio, se esta cidade tomar a iniciativa de instalar mecanismos semelhantes para operar no mercado internacional de moedas. A vantagem está nos excedentes financeiros dos árabes. Mas isso pode ser compensado pelo fato de que a economia brasileira tem uma dimensão considerável, e absorve enormes somas de recursos para crédito e investimento".

Perguntas lhe foram feitas para sondar até que ponto um banqueiro com experiência internacional acha realista a idéia do "Riodólar" e até onde o Brasil

pode competir com outras bases como Cingapura, Londres ou Nova Iorque, descartando os fantasmas do endividamento externo.

— O Brasil — disse o tesoureiro do Lloyds — não está hoje no topo da lista das preocupações dos banqueiros. O país está tomando recursos para atividades produtivas, para investimentos, e conseguiu dar uma fantástica volta por cima das dificuldades que se registraram mais fortemente em 1981. Houve o superávit na balança comercial no ano passado, e a baixa nos preços do petróleo é outro dado favorável.

Segundo ele, mais cedo ou mais tarde se desenvolverá um centro financeiro latino-americano em algum lugar. Iniciativas para criar áreas livres como existem em Bahrain ou Cingapura naturalmente contribuiriam para fixar a liderança de uma determinada praça.

Opinião semelhante é defendida pelo diretor da agência do Banco do Brasil em Londres, um discreto funcionário de carreira que chegou em Cingapura — onde o banco não tinha ninguém — e em seis meses de operação estava com um escritório implantado com depósitos de US\$ 600 milhões no coração do asian dollar. "Cingapura — disse o amazonense Ademar Lins de Albuquerque, com uma voz baixa e mais matreira que a de um mineiro — é um exemplo de cidade-serviço que deveria ser atentamente examinado por todos os interessados no desenvolvimento do Rio". Ele fala com algum conhecimento de causa, pois passou 12 anos trabalhando nas dependências cariocas do BB.

A idéia de um centro financeiro offshore na Guanabara envolve a instalação de uma imensa rede de comunicações, a atração de mais bancos do exterior e um complexo prestador de serviços capaz de treinar e desenvolver mão-de-obra altamente especializada. Alan Moore acha que os grandes bancos irão cooperar, e os de médio porte virão também, interessados em estabelecer um contato mais direto com um mundo que não conhecem pessoalmente. "Muitos bancos — disse ele — participam de um sindicato sem saber onde estão colocando o dinheiro. Se tiverem seus agentes em um centro offshore, sua visão se modifica".

Com ou sem Riodólar, os peritos que conhecem o Brasil acham que o Rio pode desenvolver extraordinariamente sua base prestadora de serviços. Mas são ainda necessários muitos mecanismos de informação instantânea, cotações em real time e sobretudo interligação de interesses e veículos técnicos. "A realidade — como observou o Sr Moore — é que os fluxos financeiros existem. E se movimentam..."

Na tela de seu videomonitor uma luzinha piscava. Em algum ponto do mundo uma fração de preço subia ou descia.

Noéni Spinola é correspondente do JORNAL DO BRASIL em Londres.